

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS
CAMPUS DE JABOTICABAL

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA, REALIZADO JUNTO A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU), UBERLÂNDIA/MG, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR) E IPOV-INSTITUTO PARANAENSE DE OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA, CURITIBA/PR.

Caso (ou Assunto) de interesse: Técnica de Marsupialização em terceira pálpebra para correção de cisto lacrimal pós-cirúrgico.

Amanda Kassem Sammour

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS
CAMPUS DE JABOTICABAL

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA, REALIZADO JUNTO A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU), UBERLÂNDIA/MG, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR) E IPOV-INSTITUTO PARANAENSE DE OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA, CURITIBA/PR.

Caso (ou Assunto) de interesse: Técnica de Marsupialização em terceira pálpebra para correção de cisto lacrimal pós-cirúrgico.

Amanda Kassem Sammour

Orientadora: Prof^a Dr^a Paola Castro Moraes

Supervisores: Prof^o Dr^o Mateus Matiolo Mantovani, Prof^o Dr^o Fabiano Montiani Ferreira e Dr^a Ana Letícia G. de Sousa

Relatório de Estágio Curricular em Prática Veterinária apresentado à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Campus de Jaboticabal, Unesp, para graduação em Medicina Veterinária

Jaboticabal – SP

1º SEMESTRE DE 2023

S189r	Sammour, Amanda Kassem Relatório final do estágio curricular obrigatório do curso de Medicina Veterinária, realizado junto a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Universidade Federal do Paraná (UFPR) e IPOV-Instituto Paranaense de Oftalmologia Veterinária, Curitiba/PR : Assunto de interesse: Técnica de Marsupialização em terceira pálpebra para correção de cisto lacrimal pós-cirúrgico. / Amanda Kassem Sammour. -- Jaboticabal, 2023 50 p. : il., tabs., fotos Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Medicina Veterinária) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal Orientadora: Paola Castro Moraes 1. Oftalmologia. 2. pálpebras. 3. cirurgia. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE JABOTICABAL



CERTIFICADO

Certifico que o Relatório de Estágio Curricular em Prática Veterinária foi apresentado à Banca Examinadora e aprovado, conforme especificações abaixo

TÍTULO: RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA, REALIZADO JUNTO A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU), UBERLÂNDIA/MG, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR) E IPOV-INSTITUTO PARANAENSE DE OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA, CURITIBA/PR.

Caso de interesse: Técnica de Marsupialização em terceira pálpebra para correção de cisto lacrimal pós-cirúrgico.

ACADÊMICA: Amanda Kassem Sammour

CURSO: Medicina Veterinária

ORIENTADOR: Profª Drª Paola Castro Moraes

SUPERVISORES: Profª Mateus Matielo Mantovani
Profª Drª Fabiano Montiani Ferreira
Ana Letícia G. de Souza

LOCAL: Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia; Hospital Veterinário da Universidade do Paraná; Instituto Paranaense Oftalmologia Veterinária

1º Semestre: Ano: 2023

Jaboticabal, 12 de janeiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Presidente Profª Drª Paola Castro Moraes

Membro Laís Fernanda Sargi

Membro Cinthya de Andrade Gujanwsky

Profª Dra. Paola Castro Moraes

Coordenadora CEGRA

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, os quais recorri em inúmeros momentos de fraqueza e nunca me senti desamparada, reforçando a cada dia a minha fé em realizar meus sonhos.

Agradeço à minha mãe, Rita de Cassia Marques Sammour, meu maior exemplo de força e garra, a pessoa que nunca desistiu de lutar por mim e nunca mediu esforços para fazer dos meus sonhos realidade. Tudo que sou, devo a você, exemplo de mulher e guerreira. Obrigada também ao meu irmão, Rudolf Kassem Sammour, por compartilhar a vida comigo, a vida é muito mais leve e significativa quando se tem um irmão para caminhar junto.

Agradeço aos meus amigos da graduação, os 5 anos ao lado de vocês ficaram muito mais divertidos, obrigada pelas risadas, choros, festas, apoio e broncas, essa experiência não teria sido tão incrível sem vocês, Matheus Gregio, Sarah Daccach, Melissa Bianchini, Jaqueline Bonavina e Paulo Arantes.

Agradeço as meninas da minha república e casa mais amada, República Xêga U Reio, obrigada por tantos momentos bons e inesquecíveis, tantas dificuldades que nos fizeram crescer e amadurecer juntas, com vocês aprendi sobre responsabilidade, respeito, cumplicidade e amor, sempre guardarei todas no meu coração.

Agradeço a minha orientadora, Paola Castro Moraes, pelas oportunidades oferecidas, apoio e por abrir a porta do Setor de Oftalmologia para que eu me apaixonasse pela área. Obrigada por toda cumplicidade e por acreditar em mim.

Agradeço as pós graduandas do setor de Oftalmologia da Unesp, Lais Sargi e Cinthya Gujanwsky, pois no momento em que eu estava mais perdida vocês fizeram com que eu me encontrasse na área mais linda da veterinária, me ensinaram com paciência e sabedoria e me guiaram por meses, me orientando com amor e cumplicidade.

Agradeço as residentes do setor de Oftalmologia da Universidade Federal do Paraná, Cecilia Dallagnol e Jade Caproni, obrigada pelos conhecimentos passados, conversas e trocas de experiências.

Agradeço a minha supervisora Ana Letícia G. de Sousa, e as médicas veterinárias do IPOV, por todo conhecimento ensinado com paciência, cumplicidade e amizade, sempre lembrarei desse período da minha vida com muito carinho e amor, vocês foram além de mentoras, tornaram-se grandes amigas e pessoas muito especiais as quais sempre serei grata pelas risadas, trocas de experiência e todo cuidado que tiveram comigo.

Agradeço aos meus amigos de infância que sempre foram minha base antes da realização do meu sonho da Universidade, sempre me apoiando e sendo suporte emocional nos momentos mais difíceis que já passei, Victor Hugo da Silva, Maria Eduarda Nozaki, Isabela Feltrin, Ana Heloisa Molás, Eloá Santos e Beatriz de Fátima.

Por fim, agradeço ao meu pai que não está mais entre nós mas que sempre é lembrado com muito carinho, essa graduação também foi feita por você, e sei que apesar de não estar de corpo presente, sempre se manteve torcendo por mim, pois sempre sinto sua presença muito forte em meu coração.

Sumário

Agradecimentos	v
Lista de Tabelas	ix
Lista de Figuras	x
I – Relatório de Estágio	1
1. Introdução	1
2. Descrição dos locais de estágio	2
2.1. Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HOVET-UFU)	2
2.2. Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HOVET- UFPR)	5
2.3. Instituto Paranaense de Oftalmologia Veterinária (IPOV)	7
3. Descrição das atividades desenvolvidas.....	9
3.1. Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HOVET-UFU)	9
3.2. Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HOVET- UFPR)	13
3.3. Instituto Paranaense de Oftalmologia Veterinária (IPOV)	16
4. Discussão das Atividades Desenvolvidas	20
5. Considerações Finais	23
II – Monografia: Técnica de Marsupialização em 3ª pálpebra para correção de cisto lacrimal pós-cirúrgico	23
1. Introdução	23
2. Revisão de Literatura	24
2.1. Etiologia e Fisiopatogenia.....	24
2.2. Sinais Clínicos	25
2.3. Tratamento	26

2.4. Técnica Cirúrgica de Reposicionamento Morgan e Moore.....	26
2.4.1 Técnica de Morgan	26
2.4.2 Técnica de Moore	27
2.5 Cisto Lacrimal	28
3. Relato de Caso	29
4. Discussão	36
5. Conclusão	37
6.Referências	38

Lista de Tabelas

Tabela 1. Classificação dos pacientes em relação ao sexo e fertilidade, atendidos no HOVET-UFU	11
Tabela 2. Número e porcentagem de raça definida e indefinida de animais da espécie canina e felina atendidos no HOVET-UFU	12
Tabela 3. Contagem de animais por raça atendidos no HOVET-UFU	12
Tabela 4. Classificação com número de áreas procuradas para atendimento dos animais caninos e felinos no HOVET-UFU	13
Tabela 5. Quantidade de fêmeas e machos de acordo com a espécie e fertilidade na Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba/PR	14
Tabela 6. Número de pacientes de acordo com a raça separados pela espécie na Universidade Federal do Paraná ..	15
Tabela 7. Diagnósticos de acordo com as espécies atendidas na Universidade Federal do Paraná	16
Tabela 8. Contagem de animais atendidos de raças definidas e indefinidas de acordo com o sexo, no Instituto Paranaense de Oftalmologia (IPOV)	17
Tabela 9. Número de raças, de acordo com a espécie, atendidas no Instituto Paranaense de Oftalmologia (IPOV)	17
Tabela 10. Diagnósticos de acordo com as espécies atendidas, no Instituto Paranaense de Oftalmologia (IPOV)	18

Lista de Figuras

Figura 1. Dependências do HOVET-UFU. A). Entrada principal do hospital. B). Recepção. C). Salas de espera com balança para pesagens de cães e gatos.....	4
Figura 2. Dependências do HOVET-UFU. A). Corredor de acesso aos ambulatórios clínicos. B). Porta de entrada do ambulatório 1. C) e D). Ambulatórios clínicos 3 e 7.....	4
Figura 3. Dependências do HOVET-UFU. A e B). Laboratório de Patologia Clínica. C). Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia. D). Sala de Radiografia.....	4
Figura 4. Dependências do HOVET-UFU. A). Corredor de acesso ao SECCON. B). Corredor de acesso às alas de internação. C). Canil de internação para cães. D). Ala de internação para gatos. E). Sala de UTI (unidade de tratamento intensivo) para cães e gatos.....	5
Figura 5. Estrutura do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A). Fachada do hospital. B). Centro cirúrgico 1.....	7
Figura 6. Estrutura do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A). Sala de atendimentos do Setor de Oftalmologia Veterinária. B). Sala para realização dos procedimentos pré-anestésicos.....	7
Figura 7. A) Entrada principal do Instituto Paraense de Oftalmologia Veterinária (IPOV). B) Recepção do IPOV.....	8
Figura 8. A) Consultório 1 do IPOV. B) Consultório 2 do IPOV.	8
Figura 9. A) Day Care da clínica, onde os animais ficam internados e são realizados procedimentos pré e pós cirúrgicos. B) e C) Sala de exames.....	9
Figura 10. A) e B) Centro cirúrgico do IPOV.....	9
Figura 11. Técnica de Morgan.....	27
Figura 12. Técnica de Moore.....	27

- Figura 13.** Técnica de marsupialização: (a) incisão linear e ventral na superfície palpebral da membrana nictitante. (b) divulsão romba da conjuntiva em direção lateral ao eixo da cartilagem hialina. (c) incisão linear total da parede do cisto. (d) ampliação da incisão com tesoura. (e) Marsupialização criada a partir da sutura, de padrão simples interrompida, da parede do cisto a conjuntiva adjacente da membrana nictitante.....29
- Figura 14.** Paciente em primeira consulta com a terceira pálpebra exposta hiperêmica 3 semanas após cirurgia de reposição de glândula.....30
- Figura 15.** Terceira pálpebra do olho esquerdo com cisto lacrimal e hiperemia.....,31
- Figura 16.** Drenagem do cisto lacrimal do olho esquerdo de Bulldog Inglês fêmea, conteúdo com celularidade.....33
- Figura 17.** A) Exposição da terceira pálpebra de olho esquerdo com a presença do cisto lacrimal. B) Incisão linear na face conjuntival da terceira pálpebra de olho esquerdo. C) divulsão com tesoura do tecido conjuntival da terceira pálpebra.....33
- Figura 18.** A) Limpeza da região incisada com cotonete e pressão para hemostasia. B) e C) Aparência da região do cisto lacrimal após divulsão e limpeza.....33
- Figura 19.** A) Técnica de marsupialização com sutura simples separada da parede cística com a conjuntiva palpebral da terceira pálpebra. B) e C) Aparência da terceira pálpebra após marsupialização.....34
- Figura 20.** Foto da paciente 41 dias após cirurgia de marsupialização, com a incisão já fechada por segunda intenção.....35

I. Relatório de Estágio

1. Introdução

O curso de Medicina Veterinária objetiva contemplar uma formação ampla de seus graduandos, por meio do oferecimento de diversos conteúdos teórico-práticos em diversas áreas que os profissionais podem atuar, dentre eles, clínica médica e clínica cirúrgica de pequenos e grandes animais, área comercial, produção de animais domésticos, vigilância sanitária, saúde única, entre outros. Desta forma, para uma formação completa e com objetivo de atuar no mercado de trabalho, com a possibilidade de expor e colocar em prática o que foi aprendido durante os anos de graduação, é de suma importância a experiência do Estágio Curricular Obrigatório. Assim, o aluno tem a possibilidade de aprender com profissionais atuantes na área escolhida e de compartilhar seus próprios conhecimentos e tem um intercâmbio rico de experiências e discussões de casos.

O presente relatório possui o intuito de apresentar e descrever as atividades realizadas pela acadêmica da Instituição Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCAV- UNESP), campus de Jaboticabal, e de acordo com as normas estabelecidas pela Coordenadora Geral de Estágio de Graduação (CEGRA), Amanda Kassem Sammour, graduanda do décimo período no curso de Medicina Veterinária e sob orientação da Profª Drª Paola Castro Moraes.

O estágio curricular foi realizado em 3 etapas, sendo a primeira no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, no período de 01 a 30 de setembro de 2022, sob supervisão do Profº Mateus Matiolo Mantovani totalizando 162 horas. Posteriormente, foi realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HOVET-UFPR), no período de 03 a 30 de outubro de 2022, sob supervisão do Profº Drº Fabiano Montiani Ferreira, totalizando 152 horas. Por fim, fora realizado no Instituto Paranaense de Oftalmologia Veterinária (IPOV), no período de 01 a 16 de dezembro de 2022, sob supervisão da Drª Ana Letícia G. de Souza, totalizando 290 horas.

Ao total foram contabilizadas 604 horas de estágio curricular, em que foram desenvolvidas atividades como acompanhamentos de atendimento clínico e cirúrgico, bem como o acompanhamento de cirurgias oftálmicas e discussões de casos.

2. Descrição dos locais de estágio

2.1. Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HOVET-UFU)

O HOVET-UFU é localizado na Av. Mato Grosso, 3289 - Bloco 2S - Umuarama, no município de Uberlândia – MG. Trata-se de um hospital-escola, com horário de funcionamento das 7h às 11h e 13h às 17h, de segunda à sexta-feira. Os setores de atendimento incluem Clínica Médica de Pequenos Animais (CMPA), Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais (CCPA), Serviço de Oncologia (SECCON) e Endocrinologia de Pequenos Animais, Patologia Clínica, Patologia Animal, Diagnóstico por Imagem, Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais e Clínica de Animais Selvagens.

O atendimento é voltado principalmente para população geral, inclui também animais provenientes de Organizações não governamentais (ONGs) e animais com convênios com ONGs, ação que permite a inclusão de protetores, tutores de baixa renda ou tutores de animais com enfermidades que exigirão tratamento com alto custo e por longos períodos, obtendo-se, a partir do convênio, cotas de 50% ou 100% por um período estabelecido a partir de contrato assinado com a mesma. Desta forma, os tutores conveniados são contabilizados como de origem de ONGs e recebem seus descontos pré estabelecidos.

Em relação à infraestrutura voltada ao atendimento de cães e gatos, o hospital dispõe de recepção (**Figura 1**), farmácia, laboratório de patologia clínica (**Figura 3**), quatro ambulatorios para atendimento clínico geral (**Figura 2**), um ambulatorio para atendimento de especialidades, um ambulatorio para atendimento de animais que serão destinados ao Projeto de Castração e um ambulatorio exclusivo para atendimento oncológico (**Figura 4**). Para internação diurna, dispõe de alas para cães, gatos e para doenças infecciosas, e de UTI para animais em emergência (**Figura 4**).

Os ambulatorios clínicos e cirúrgicos são constituídos por uma mesa de aço inoxidável para realização exame físico e procedimentos ambulatoriais, mesa com computador para acesso ao sistema de atendimento (SimplesVet), produtos indispensáveis para uso da rotina – como álcool 70%, clorexidina degermante 2%,

éter e iodo povidine –, suporte para fluidoterapia, materiais ambulatoriais como seringas, agulhas, scalpns, água de injeção e gazes não estéreis.

Além disso, de acordo com a necessidade, outros materiais e medicamentos podem ser obtidos na farmácia, mediante pedido aos técnicos veterinários e com identificação do ID (número de identificação no sistema Simples Vet) do animal. Além disso, há salas destinadas às aulas e apresentações de palestras, centro cirúrgico equipado com duas salas para procedimentos, expurgo e serviço de esterilização e uma sala equipada para aulas práticas de clínica e técnica cirúrgicas que compõem a infraestrutura do hospital-escola.

A equipe acompanhada no setor de clínica médica de pequenos animais conta com oito residentes da CMPA, quatro professores supervisores especializados em cardiologia, nefrologia, endocrinologia e dermatologia; três preceptores das áreas de diagnóstico por imagem, cardiologia e oncologia; dois pós-graduandos de endocrinologia e dois enfermeiros veterinários que são responsáveis pelas alas de internamento. O atendimento das áreas especializadas é oferecido para nefrologia às segundas, endocrinologia às terças, cardiologia às quartas e quintas de manhã e oncologia no período da tarde, e dermatologia às sextas-feiras.

O atendimento especializado é realizado pelos residentes do segundo ano de residência e, quando necessário, sob supervisão dos professores e respectivos preceptores das áreas. Além disso, exames cardiológicos são realizados no período da tarde e exames de ultrassonografia durante o período da manhã. O hospital dispõe de sala específica para atendimento de oncologia (SECCON), e para os setores de diagnóstico por imagem, que oferecem exames de ultrassom, radiologia, ecocardiografia e eletrocardiograma, devidamente monitorados pelos preceptores das áreas respectivas.

Durante o estágio, foi necessário a utilização de roupas e jalecos brancos, além do uso de equipamentos de proteção individual (EPI), como luvas descartáveis, durante o manejo dos pacientes nas dependências do HOVET-UFU. Devido ao contexto de pandemia de COVID-19, foi obrigatório o uso de máscaras de proteção individual para os trabalhadores, profissionais, alunos e estagiários, assim como para os tutores dos animais, sem exceção.



Figura 1. Dependências do HOVET-UFU. **A).** Entrada principal do hospital. **B).** Recepção. **C).** Salas de espera com balança para pesagens de cães e gatos.



Figura 2. Dependências do HOVET-UFU². **A).** Corredor de acesso aos ambulatórios clínicos. **B).** Porta de entrada do ambulatório 1. **C)** e **D).** Ambulatórios clínicos 3 e 7.



Figura 3. Dependências do HOVET-UFU³. **A e B).** Laboratório de Patologia Clínica. **C).** Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia. **D).** Sala de Radiografia.



Figura 4. Dependências do HOVET-UFU. **A).** Corredor de acesso ao SECCON. **B).** Corredor de acesso às alas de internação. **C).** Canil de internação para cães. **D).** Ala de internação para gatos. **E).** Sala de UTI (unidade de tratamento intensivo) para cães e gatos.

2.2 Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HOVET- UFPR)

O HOVET – UFPR é localizado na Rua dos Funcionários, nº 1540, no bairro Cabral na cidade de Curitiba – PR. Possui horário de atendimento ao público de segunda a sexta feira das sete e meia da manhã à dezenove e 30. Além disso, apresenta plantões noturnos durante a semana e, aos finais de semana, plantões diurnos e noturnos para os animais internados. O hospital possui programas de Residência, Aprimoramento e Pós-graduação que exercem função de aperfeiçoar e especializar seus aderidos e contam com auxílio e apoio da equipe de professores, preceptores, discentes e pós graduandos e atendem as necessidades da população como um todo.

Além do setor de Oftalmologia Veterinária, os setores que constituem o hospital são o de Clínica e Cirurgia de Pequenos e Grandes Animais, Odontologia, Cardiologia, Oncologia, Anestesiologia, Diagnóstico por Imagem, Patologia Clínica, Patologia Animal e Animais Silvestres, em que, muitas vezes os atendimentos do setor de

Oftalmologia ocorriam em conjunto com os demais, evidenciando um apoio mútuo e conexão das diferentes áreas.

Em relação à estrutura do HOVET da UFPR, há uma recepção, salas de internamento para cães, uma sala de internamento para felinos domésticos, uma farmácia, uma unidade de terapia intensiva, uma lavanderia, uma sala para realização de exames radiográficos, uma sala destinada a exames de ultrassonografia, uma sala de uso coletivo e inúmeros ambulatórios, sendo cada um para um setor específico para realização de seus atendimentos. O centro cirúrgico possui três salas para a execução de cirurgias (**figura 5**), uma sala de esterilização, uma sala para a higienização dos instrumentais cirúrgicos, dois vestiários e uma para a execução dos procedimentos pré-anestésicos (**figura 6**).

O Setor de Oftalmologia Veterinária é composto por duas salas, sendo uma destinada para os atendimentos clínicos iniciais, tornando-se um ambulatório (**figura 6**). Esta é composta por uma mesa inox para a realização dos exames físicos e oftalmológicos, uma mesa com computador para acessar o sistema de atendimento (Verus); um armário com utensílios gerais como luvas, álcool 70, algodão, gaze, tubos de coleta de sangue (hemograma e bioquímico), *swab* estéril com meio e sem meio de cultura, cateteres, água oxigenada, suporte para fluidoterapia, clorexidine degermante, ataduras e testes oftálmicos (Teste Lacrimal de Schirmer, Lisamina verde e Fluoresceína). Além disso, é equipada com instrumentais para outros exames oftálmicos, dentre eles, lanterna focal, oftalmoscópio direto, lente de aumento, tonômetro e fotocromático.

A sala adjacente apresenta outros instrumentais oftálmicos, como o microscópio e o facoemulsificador. Em todas as dependências do HOVET as medidas de proteção contra COVID- 19 foram mantidas ao decorrer de todo o estágio, sendo o uso de máscara obrigatório, para todos que adentram o hospital, incluindo tutores, estagiários e alunos, além dos profissionais que trabalham o dia todo.



Figura 5. Estrutura do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (UFPR). **A).** Fachada do hospital. **B).** Centro cirúrgico 1.



Figura 6. Estrutura do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (UFPR). **A).** Sala de atendimentos do Setor de Oftalmologia Veterinária. **B).** Sala para realização dos procedimentos pré-anestésicos.

2.3 Instituto Paranaense De Oftalmologia Veterinária (IPOV)

O Instituto é localizado na rua Euzébio da Motta, nº 48 – Alto da Glória, na cidade de Curitiba/PR. O atendimento se inicia às 9 horas e termina às 18 horas, de segunda a sexta-feira e das 9h às 13h de sábado. Trata-se de uma clínica particular com atendimento exclusivo de serviços da especialidade Oftalmologia, e conta com uma equipe de três médicas veterinárias que atendem na rotina, apresentando também, revezamento de períodos e de cirurgias. A infraestrutura da clínica conta com uma

recepção, dois consultórios, uma copa que divide ambiente com o administrativo, uma sala de exames (ultrassom e ERG), sala de *day care* para pré e pós operatório e um centro cirúrgico equipado. Além disso, o ambiente oferece garagem para os clientes.

Os consultórios são equipados com uma mesa e com tapete antiderrapante para avaliação do animal, computador, lâmpada de fenda, fotocromático, transiluminador, tonômetro de aplanção Tono-Pen, mini geladeira para armazenamento dos colírios de rotina, além de materiais de rotina como gaze, algodão, álcool, soro fisiológico, fluoresceína e TLS (teste lacrimal de Schirmer). O centro cirúrgico é equipado com microscópio para micro cirurgias, foco iluminador, equipamento de anestesia inalatória, sala para esterilização com autoclave e cuba lavadora ultrassônica.



Figura 7. A) Entrada principal do Instituto Paraense de Oftalmologia Veterinária (IPOV). **B)** Recepção do IPOV.

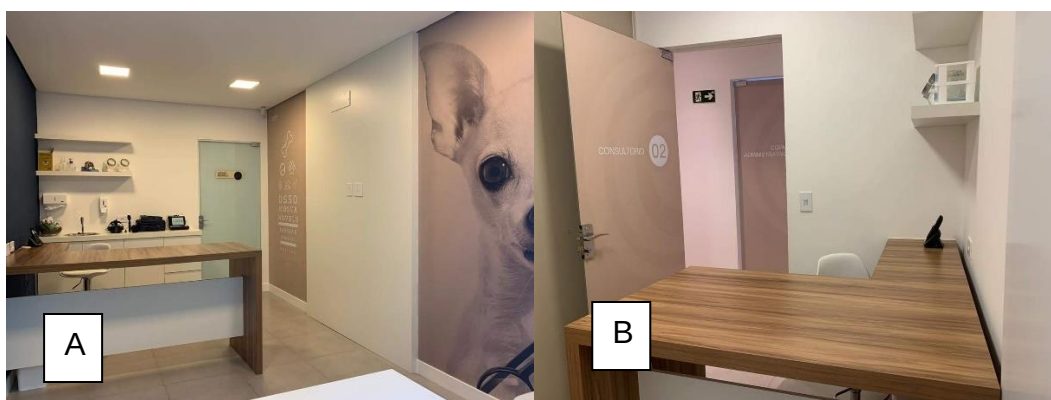


Figura 8. A) Consultório 1 do IPOV. **B)** Consultório 2 do IPOV.



Figura 9. A) Day Care da clínica, onde os animais ficam internados e são realizados procedimentos pré e pós cirúrgicos. B) e C) Sala de exames.



Figura 10. A) e B) Centro cirúrgico do IPOV.

3. Descrição das atividades desenvolvidas

3.1. Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HOVET-UFU)

As atividades foram realizadas em rodízios determinados por escalas entre setores e/ou residentes, dentre eles os setores de clínica médica geral de pequenos animais e de especialidades clínica e UTI, destacando-se maior parte de atuação em CMPA. Vale ressaltar que também há um projeto de castração, entretanto, no período do estágio o presente projeto encontrou-se em período de adaptação e não houve atividade.

No setor de clínica médica era realizada a solicitação do paciente na recepção seguida da pesagem do paciente, já no ambulatório, era realizada a resenha,

anamnese e exame físico geral. Após a avaliação, a estagiária relatava as informações obtidas ao residente responsável, contemplando também uma discussão a respeito os diagnósticos diferenciais e exames laboratoriais e de imagem a serem realizados para efetuar o diagnóstico.

Posteriormente, o residente entrava em atendimento para confirmação das informações passadas pelo tutor e exame físico do paciente. O tutor, ciente dos exames a serem pedidos, era encaminhado ao setor financeiro para autorização, enquanto a estagiária acompanhada do residente realizava a coleta para os exames laboratoriais, além do agendamento dos exames de imagem de acordo com a necessidade individual do caso.

Após o retorno do tutor, entregavam-se os exames ao laboratório de patologia clínica e aplicava-se a medicação e/ou realizava-se a internação quando necessário. Caso fosse verificado um estado de comprometimento preocupante do paciente, a anamnese era interrompida, para que fosse chamado o residente de imediato, a fim da avaliação clínica e destinação à UTI, e, assim que o paciente fosse estabilizado, terminava-se a resenha e anamnese.

Os animais que não fossem internados ou destinados à UTI, eram liberados para voltar para casa com seus tutores, e, assim que saíssem os resultados dos exames solicitados, entrava-se em contato com os tutores através de e-mail ou telefone para a entrega do receituário, explicações pertinentes ao tratamento do paciente, além da confirmação de data de retorno e/ou procedimento ambulatorial.

Assim como na clínica médica geral, a estagiária realizava o atendimento nas especialidades de endocrinologia, nefrologia, cardiologia, oncologia e dermatologia, salvo a aplicação de quimioterápicos, em que realizada exclusivamente pela médica veterinária oncologista.

Na UTI, foi possível realizar a monitoração de parâmetros vitais a cada 15 ou 30 minutos, de acordo com o estado geral do paciente, tais como auscultação e frequências cardíaca e respiratória, aferição de temperatura retal, palpação abdominal e de linfonodos, verificação de coloração e umidade de mucosas oral, oculares e peniana ou vaginal, TPC (tempo de preenchimento capilar), turgor cutâneo, aferição de pressão arterial sistólica e pulso femoral, cateterização, punção venosa para coleta de exames laboratoriais, administração de medicamentos via oral, intramuscular,

subcutâneo e intravenoso, aferição de glicemia, fornecimento de alimentação, e realização de limpeza e curativos para ferimentos.

Além das atividades descritas, também foram acompanhados o cálculo de doses de medicação, de fluído para reposição hidroeletrolítica, de prova de carga e de bólus glicosado, assim como procedimentos ambulatoriais de emergência, como sedação, anestesia, desobstrução ureteral felina, paracentese, manobras para reverter pneumotórax, entre outros.

Ademais, foi possível acompanhar e participar da elaboração do protocolo medicamentoso individualizado para cada paciente, assim como encaminhá-los para tratamento cirúrgico, internação e UTI, de acordo com sua complexidade, em conjunto com os residentes responsáveis pelo paciente, contribuindo para o desenvolvimento de raciocínio clínico. Havia também a discussão dos casos clínicos juntamente com os professores especializados do HOVET-UFU, a fim de ampliar o conhecimento técnico veterinário.

Tabela 1. Classificação dos pacientes em relação ao sexo e a fertilidade, atendidos no período de 01 de setembro a 30 de setembro de 2022, no HOVET-UFU, na cidade de Uberlândia.

Espécie	Sexo					
	Fêmeas			Machos		
	Férteis	Castradas	Total fêmeas	Férteis	Castrados	Total machos
Canina	27	16	43	15	7	22
Felina	6	4	10	5	6	11

O atendimento de animais fêmeas foi superior ao atendimento de machos na espécie canina e, contrariamente a espécie felina, cujo atendimento de animais machos foi superior ao de fêmeas. O número de animais férteis foi superior ao de animais castrados, exceto no caso de felinos machos, o que pode sugerir a necessidade de intensificar campanhas e incentivo de castração, ou interferência do valor entre os gêneros.

Tabela 2. Número e porcentagem de raça definida e indefinida de animais da espécie canina e felina, atendidos no período de 01 de setembro a 30 de setembro de 2022, no HOVET-UFU, na cidade de Uberlândia.

CLASSIFICAÇÃO DE RAÇA			
Espécie	Raça definida	Raça indefinida	Total
Canina	25	40	65
Felina	1	20	21

O número de atendimento de animais de raça indefinida foi superior ao de animais com raça definida, em ambas as espécies. Dessa forma, sugere-se que há tendência do público dos tutores a animais de raças indefinidas.

Tabela 3. Contagem de animais por raça, atendidos no período de 01 de setembro a 30 de setembro de 2022, no HOVET-UFU, na cidade de Uberlândia.

Raças	Contagem de RAÇA
Basset	1
Border Collie	1
Bulldog Francês	1
Fila Brasileiro	1
Husky Siberiano	2
Labrador	1
Felino Persa	1
Pinscher	1
Poodle	4
Pug	2
Shih-tzu	11
SRD	60
Total Geral	86

Entre as raças atendidas destaca-se a raça Shih-tzu com 11 animais seguida por Poodles com 4 animais, evidenciando a raça indefinida como predominante com 60 animais. Entre os felinos apenas um animal foi de raça definida, pertencendo a raça Persa.

Tabela 4. Classificação com número de áreas procuradas para atendimento dos animais caninos e felinos, atendidos no período de 01 de setembro a 30 de setembro de 2022, no HOVET-UFU, na cidade de Uberlândia.

Área Clínica	Espécies		
	Canina	Felina	Total Geral
Checkup	2	4	6
Congênito	2		2
Dermatologia	9	2	11
Endocrinologia	2		2
Gastrologia	1		1
Infectologia	20	6	26
Nefrologia	3		3
Neurologia	2		2
Obstetrícia	1		1
Oftalmologia	5	1	6
Oncologia	10		10
Parasitologia	2		2
Pneumologia	2	3	5
Sem Diagnóstico	1	4	5
Urologia	1	1	2
Total Geral	65	21	86

Todos animais contabilizados foram atendidos pelo setor de clínica médica, entretanto, a partir do diagnóstico final dos casos, foi possível determinar as áreas de atendimento relacionadas e, dessa forma, realizar um levantamento das especialidades mais recorrentes durante o período de estágio. Neste caso, constatou-se que a infectologia foi a área mais comum destacando doenças como cinomose e hemoparasitoses para os caninos e FIV (vírus da imunodeficiência felina) e FELV (vírus da leucemia felina) para os felinos, seguida da área de dermatologia e oncologia, para ambas as espécies. Além disso, cinco casos não foram diagnosticados no período vigente do estágio, e 2 animais foram submetidos à eutanásia.

3.2 Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HOVET-UFPR)

O setor de Oftalmologia Veterinária do HOVET da UFPR foi composto por duas residentes e duas estagiárias. Os casos diários eram conduzidos por ambas as

residentes intercalando os novos atendimentos no decorrer da rotina. A princípio a estagiária apenas acompanhava o andamento dos casos e auxiliava nas contenções e nos afazeres de menor responsabilidade, contudo, após período de adaptação, foi possível participar ativamente nestes.

Em tese, seria de responsabilidade da estagiária realizar os atendimentos iniciais, ou seja, efetuar a anamnese, exames físicos e exames oftálmicos. Entretanto, o mês referente ao estágio o setor encontrou-se em greve, com atendimentos novos reduzidos, de forma que houvessem poucos casos em que a estagiária pode realizar esses atendimentos iniciais, sendo mais comum retornos, casos de emergência ou casos encaminhados de outros setores internos do hospital.

Todos os dados relatados pelos tutores e observados ao decorrer dos exames eram repassados para a residente responsável pelo caso, em que esta implementava uma discussão sobre este com a estagiária. Posteriormente, a residente realizava novamente todos os exames e indagava outras questões ao tutor quando necessário.

Ademais, a estagiária pode presenciar exames de imagem e exame de eletroretinografia. Somado a isto, a estagiária pode acompanhar cirurgias oftálmicas diversas como microcirurgias, remoção de neoplasias palpebrais, correção de entropião, enucleação, sepultamento da glândula da terceira pálpebra, entre outras, em que auxiliava no preparo pré, trans e pós-cirúrgico.

As espécies atendidas no setor durante o período relatado foram diversas desde cães, gatos, equinos, e animais silvestres, como coelho e lagarto.

Tabela 5. Quantidade de fêmeas e machos de acordo com a espécie e fertilidade, durante o período de 01 de outubro a 31 de outubro de 2022, Na Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba/PR.

Espécie	Sexo					
	Fêmeas			Machos		
	Férteis	Castradas	Total fêmeas	Férteis	Castrados	Total machos
Canina	2	12	14	4	9	13
Felina	1	1	2	1	1	2
Equina	-	-	0	1	-	1

Lagarto	-	-	0	1	-	1
Coelho	1	-	1	-	-	0

Os atendimentos de machos foram superiores relação ao número de fêmeas. Vale ressaltar que, no caso do hospital veterinário UFPR, também foram realizados atendimentos para animais não convencionais, sendo um coelho fêmea, um equino macho e um lagarto macho. Na classificação quanto a fertilidade, entre os caninos há predominância de animais castrados, nos felinos houve quantidade igualitária e de outras espécies os animais eram férteis.

Tabela 6. Número de pacientes de acordo com a raça e espécie, durante o período de 01 de outubro a 31 de outubro de 2022, Na Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba/PR.

Raças	Espécie					
	Canina	Coelho	Equino	Felina	Lagarto	Total Geral
Bulldog	3					3
Gecko					1	1
Golden	1					1
Lhasa apso	1					1
Mangalarga			1			1
Pequenes	1					1
Pinscher	2					2
Pitbull	1					1
Poodle	1					1
Pug	2					2
Sharpei	1					1
Shih-tzu	6					6
Siamês				1		1
SRD	4	1		3		8
Yorkshire	1					1
Total Geral	24	1	1	4	1	31

Entre os animais atendidos evidenciou-se maior número de raças definidas e, dentre as raças, a raça de maior destaque foi a Shih-tzu, apresentando seis animais, seguida de Bulldog com 3 animais, e apenas 4 animais eram de raça indefinida. No caso dos felinos, houve predominância de animais de raça indefinida, sendo apenas

um animal com raça definida Siamesa. O equino atendido era da raça Mangalarga e o lagarto da raça Gecko. O coelho atendido não especificou a raça.

Tabela 7. Diagnósticos de acordo com as espécies atendidas, durante o período de 01 de outubro a 31 de outubro de 2022, Na Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba/PR.

Diagnósticos	Espécies					
	Caninos	Coelho	Equino	Felinos	Lagarto	Total Geral
Catarata	3					3
Cílio Ectópico	1					1
Distiquíase	1					1
Entrópico	1					1
Esclerose Da Lente	1					1
Glaucoma	2					2
Hipovitaminose A					1	1
KCS	6					6
Obstrução De Ducto				2		2
Protrusão Da Gl De 3ª	2					2
Úlcera de córnea	2	1	1			4
Úlcera Herpética				1		1
Úlcera Indolente	3					3
Uveíte	1					1
Total Geral	24	1	1	4	1	31

Nos atendimentos da especialidade de Oftalmologia, os diagnósticos com maior número de casos foram ceratoconjuntivite seca (KCS), úlceras de córnea e catarata.

3.3 Instituto Paranaense De Oftalmologia Veterinária (IPOV)

As atividades desenvolvidas durante o período de estágio incluíram acompanhar as consultas e procedimentos cirúrgicos das médicas veterinárias da clínica. A equipe conta com três médicas veterinárias e, quando havia cirurgia, são chamados anestesistas terceirizados. Além disso, também possui serviço terceirizado exame de ultrassonografia e eletrorretinografia.

A rotina de atendimento era intensa e foi possível realizar o revezamento entre os atendimentos de todas as médicas veterinárias. Dentre as cirurgias acompanhadas, destacam-se as de correção de entrópico, debridamento de úlcera indolente, enxerto

pediculado em perfuração ocular, transposição córneo conjuntival, desobstrução de ducto lacrimal, catarata, reposicionamento de glândula da terceira pálpebra e marsupialização de cisto lacrimal da terceira pálpebra. Além dos procedimentos cirúrgicos, também foi possível acompanhar a rotina de atendimentos clínicos e auxiliar em exames oftálmicos, como TLS, fluoresceína, tonometria ocular, fundoscopia e avaliação geral ocular, também, ser incluída nas discussões de tratamentos e quais protocolos seriam mais adequados para os casos individualmente.

Tabela 8. Contagem de animais atendidos de raças definidas e indefinidas de acordo com o sexo, no Instituto Paranaense de Oftalmologia (IPOV), no período de 03 de novembro a 16 de dezembro de 2022, na cidade de Curitiba/PR.

Espécie	Sexo					
	Fêmeas			Machos		
	Raça definida	Raça indefinida	Total fêmeas	Raça definida	Raça indefinida	Total machos
Canina	53	8	61	33	10	43
Felina	1	5	6	1	2	3

O atendimento de animais caninos com raça definida foi superior ao atendimento de animais com raça indefinida, no caso dos felinos, animais de raça indefinida foi superior, tanto para machos quanto para fêmeas. Além disso, constatou-se que foram atendidas mais fêmeas que machos, em ambas as espécies.

Tabela 9. Número de raças, de acordo com a espécie, atendidas no Instituto Paranaense de Oftalmologia (IPOV), no período de 03 de novembro a 16 de dezembro de 2022, na cidade de Curitiba/PR.

Raças	Espécie		
	Canina	Felina	Total Geral
Basset	2		2
Border Collie	1		1
Bulldog Francês	3		3
Bulldog Inglês	4		4

Chow- chow	1		1
Cooker	1		1
Corgi	1		1
Daschmound	1		1
Foxshire	1		1
Golden	2		2
Labrador	1		1
Lhasa apso	9		9
Maine-coon		1	1
Maltês	2		2
Pastor Alemão	1		1
Pastor Suíço	1		1
Pequines	2		2
Persa		1	1
Pinscher	2		2
Pitbull	1		1
Poodle	7		7
Pug	6		6
Salmoieda	1		1
Schnawzer	1		1
Sharpei	1		1
Shih-tzu	27		27
Spitz	1		1
SRD	18	7	25
Yorkshire	6		6
Total Geral	104	9	113

Dentre os atendimentos realizados na clínica IPOV, observa-se a predominância de animais com raça definida e, entre elas, as mais comuns dos caninos são da raça Shih-tzu com 27 animais, seguida de Lhasa apso, Bulldog, Poodle e Pug. Já, em relação aos felinos, houve predominância de animais sem raça definida, sendo atendidos apenas um Persa e um Maine-coon.

Tabela 10. Diagnósticos de acordo com as espécies atendidas, no Instituto Paranaense de Oftalmologia (IPOV), no período de 03 de novembro a 16 de dezembro de 2022, na cidade de Curitiba/PR.

Diagnósticos	Espécies		
	Canina	Felina	Total Geral
Atrofia Progressiva De Retina	1		1
Blefarite	1		1
Carcinoma conjuntival		1	1

Carcinoma De Córnea	1		1
Catarata	6		6
Catarata Diabetogênica	8		8
Ceratite pigmentar	1		1
Ceratite e Catarata Juvenil	1		1
Ceratite Pigmentar E Glaucoma	1		1
Ceratoconjuntivite seca?	1		1
Cílio Ectópico	2		2
Cisto Pós Mal Reposicionamento De Gl Da terceira pálpebra	1		1
Conjuntivite Alérgica	1	3	4
Conjuntivite Crônica (Periodonto Contaminado)	1		1
Conjuntivite e Obstrução De Ducto Lacrimal	1		1
Distrofia da Córnea	3		3
Distrofia e úlcera	1		1
Entrópio	2		2
Enucleação por glaucoma	1		1
Enucleação Por trauma	1		1
Esclerose da lente	3		3
Flórida Spots	1		1
Glaucoma	3		3
Glaucoma e KCS	1		1
Glaucoma e Perfuração	1		1
Glaucoma pós cirúrgico e úlcera	1		1
Herpes vírus		1	1
KCS	6		6
KCS e melanose	1		1
KCS e melanose e glaucoma	1		1
KCS e tumor na conjuntiva	1		1
KCS neurogênica	2		2
KCS por otite crônica	1		1
KCS, Ceratoconjuntivite Pigmentar e Esclerose Da Lente	1		1
Meibomite	1		1
Melanose	1		1
Melanose E Ceratite	1		1
Neurite Óptica Autoimune	1		1
Neurite Traumática E Distrofia	1		1
Nódulo Palpebral E Melanose	1		1
Obstrução Ducto Nasolacrimal		1	1
Oftalmite Com Perfuração		1	1
Pannus	4		4
Perfuração	2		2

Perfuração: Enxerto Pediculado	3		3
Perfuração: Transposição E Flap De 3º	1		1
Protrusão Da Glândula Da 3º	3		3
Protrusão Da Glândula Da 3º E Distrofia De Córnea	1		1
Retirada De Nódulos Da Pálpebra	1		1
Sequestro De Córnea		1	1
Úlcera	9		9
Úlcera Com Uveíte	1		1
Úlcera E Blefarite	1		1
Úlcera E Catarata	1		1
Úlcera E Ceratite Alérgica	1		1
Úlcera E Cílio Ectópico E Estafiloma	1		1
Úlcera Indolente	5	1	6
Úlcera, KCS E Entrópio	1		1
Uveíte	5		5
Total Geral	104	9	113

Em relação aos diagnósticos realizados, houve casuística maior entre caninos em relação aos felinos. Dentre os caninos, houveram casos de ceratoconjuntivite seca (KCS), úlcera e catarata. Entre os felinos, a afecção de maior incidência foi conjuntivite alérgica. Vale ressaltar que há diversos diagnósticos que apresentaram outras afecções concomitantes, tornando-se necessário tratamentos mistos contendo associações de medicamentos.

4. Discussão das atividades desenvolvidas

Dentre 86 casos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, 65 (76%) foram cães e 21 (24%) foram gatos. Baseando-se nos dados apurados durante o período relatado, foi possível contabilizar as áreas mais procuradas pelos tutores de acordo com o diagnóstico ou sinais clínicos dos animais, cuja área de infectologia apresentou maior destaque.

Dentre os diagnósticos, destacam-se cinomose, hemoparasitoses, como infecções por *Babesia* sp., *Anaplasma* sp. e *Ehrlichia* sp. as mais comuns entre os cães, além de casos como parvovirose, infecções bacterianas e virais. Em relação aos felinos, as afecções mais comuns foram FIV/FELV, herpes vírus e panleucopenia felina.

Além disso, dentre as áreas mais visada com maior casuística encontra-se a dermatologia, com alergias e otites, oncologia e oftalmologia. Os dados sugerem que os tutores tem tendência a pesquisar e investigar doenças de seus animais quando o animal apresenta determinados sinais clínicos, e que poucos procuram prevenção e *check up*.

Vale ressaltar também que, durante o período acompanhado, foi possível observar que o número de infecções mistas era majoritário em relação a infecções iniciais, destacando-se infecções secundárias bacterianas. Desta forma, foi necessário tratamentos contendo associações de fármacos, bem como diversos exames para realizar o diagnóstico correto das mesmas, e traçar inferências a respeito do plano de ação para que houvesse determinada prioridade em relação aos tratamentos.

Além disso, houveram casos em que ao fim da consulta, o animal precisou ser encaminhado para internação ou para a unidade de terapia intensiva para cuidados imediatos. Portanto, foi possível acompanhar procedimentos como pneumotórax, paracentese, lavagem de bexiga, desobstrução uretral, além de coletas de fluídos e sangue para exames, preparo de fluidos e medicamentos tanto intravenosos quanto intramusculares, subcutâneos e orais, exames de imagens como ultrassom e raio x.

Outro levantamento realizado foi o da porcentagem de animais férteis e de castrados, cujo resultado revelou que a maioria dos animais atendidos não eram castrados. Desta forma, vale enfatizar a importância de campanhas de castração, assim como a necessidade de uma política educativa à população a respeito das implicações das castrações, visto que se torna um problema de saúde pública um grande número de cães apresentando elevadas taxas de incidência para certa enfermidade, bem como a possibilidade de cães errantes contendo doenças zoonóticas dentro dos centros urbanos. Além disso, há o projeto exclusivo de castração no hospital, promovendo, assim, meios para aumentar a aderência da população frente a determinado projeto.

No Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba – PR, foram atendidos 31 casos, com baixa casuística devido o setor de Oftalmologia encontrar-se em greve, atendendo apenas retornos, emergências e casos encaminhados internamente no hospital. Dentre os 31 casos, 14 (45%) eram fêmeas e 17 (55%) eram machos. Todavia, foi possível acompanhar exames de

ultrassom ocular, eletrorretinografia e coleta de sangue para exames pré-operatórios e em casos de distrofia de córnea, o qual normalmente está associado a alterações de cálcio e lipídios no sangue.

Também foi possível acompanhar cirurgias que já estavam marcadas ou de emergência, como perfuração corneana. Em relação aos diagnósticos obtidos, destacam-se úlceras de córnea, em todas as espécies atendidas, KCS e conjuntivite. Em felinos, foi mais comum úlcera herpética e conjuntivite alérgica ou por estresse. Além disso, houve moderada incidência de casos de catarata em cães.

O Instituto de Oftalmologia Paranaense (IPOV) apresentou uma casuística de atendimento especializado em oftalmologia veterinária compreendendo 113 casos acompanhados, os quais eram 104 caninos e 9 felinos. Dentre os caninos, 61 (58%) eram fêmeas e 43 (42%) machos e, dentre os animais felinos, 6 (66%) eram fêmeas e 3 (33%) machos. Vale ressaltar que, não foi possível realizar um levantamento a respeito da fertilidade dos animais, visto que o sistema especializado em oftalmologia da empresa não apresentava relevância clínica informar a respeito da fertilidade dos pacientes atendidos.

A realização do estágio em clínica geral, com enfoque em oftalmologia veterinária apresentou grande relevância na formação profissional, visto que foi possível observar diversas particularidades e rotinas de diferentes locais.

No HOVET UFU, a população atendida era, em grande maioria, carente e os animais comumente possuíam mais de uma afecção, tornando-se necessário priorizar uma doença no tratamento por falta de recurso do tutor. Além disso, nestes casos, era comum a necessidade de priorizar a realização de determinados exames, assim como promover o tratamento mais adequado. Desta forma, tornava-se necessário a discussão dos casos com os residentes, cujo objetivo era promover o tratamento mais adequado em relação as enfermidades observadas, bem como levar em consideração a quantidade de recursos disponíveis por parte do tutor.

Em diversos casos de infecções concomitantes com enfermidades oftálmicas, os animais não apresentavam sinais clínicos evidentes, de forma que os tutores não tinham conhecimento de diversas alterações observadas em exames laboratoriais. Nestes casos, quando em contato com tutores de maior poder aquisitivo, também eram sugeridas maiores investigações, tornando-se necessário um maior número de

exames, somando ao montante de gastos em determinado atendimento, possibilitando, assim, o diagnóstico certo de diversas outras enfermidades.

Por fim, foi observada uma divergência em relação aos públicos atendidos nos hospitais veterinários universitários, ao público atendido por empresa privada. Foi observada um maior número de casos em animais de raça indefinida em hospitais universitários. Já na clínica particular, os casos foram majoritariamente de raças definidas, além de ser observado um maior público de raças braquicefálicas.

5. Considerações finais

O estágio curricular na área de clínica médica e na especialidade de Oftalmologia foi de grande importância para formação da acadêmica, visto que acompanhar e participar ativamente da rotina de hospitais universitários e particulares evidencia diferentes realidades o que agrega tanto profissionalmente quanto pessoalmente na formação de um graduando. As diferentes áreas acompanhadas ajudaram a formar um entendimento multidisciplinar e completo, ajudando na compreensão correta de diagnósticos e tratamentos de patologias gerais e da especialidade.

II. RELATO DE CASO

1. Introdução

A protrusão da glândula da terceira pálpebra também pode ser conhecida como “cherry eye” ou “olho de cereja”. Trata-se de uma condição comumente associada a cães menores a 2 anos de idade, sendo também descrita em gatos. A etiopatogenia não é bem determinada havendo diferentes etiologia possíveis, porém, nenhuma consolidada como determinante. Entretanto, há descrição de raças que possuem predisposição para essa condição como as raças braquicefálicas, Cocker Spaniel, Beagles e Dachshound, além de ser comum em animais jovens (HADLUND et al., 2008; PLUMMER et al., 2008)

O diagnóstico é baseado nos sinais clínicos e avaliação da membrana nictitante, os sinais incluem aparição de uma massa avermelhada no canto medial e ventral do globo ocular com origem na terceira pálpebra. Os sinais incluem: região inflamada

com secreção e conjuntivite. Em casos crônicos, a glândula pode perder sua função levando o animal a um quadro de ceratoconjuntivite seca grave (WARD, 1999).

O tratamento é cirúrgico e possui diferentes técnicas descritas para sua realização, cuja necessidade principal é o reposicionamento da glândula, sendo a mais comum e efetiva a de criação da bolsa conjuntival, técnica descrita por Morgan & Moore (1997). Entretanto, quando realizada de maneira incorreta pode gerar um encarceramento da glândula protruída e impedir que haja a saída da lágrima produzida, causando um quadro de cisto lacrimal na conjuntiva da membrana nictitante (PEIXOTO & GALERA, 2009).

O tratamento dessa complicação de reposicionamento também é cirúrgico e a técnica mais comum é a marsupialização, que consiste em criar um canal de comunicação entre a parede cística e o meio externo para drenagem da lágrima produzida pela glândula reposicionada (PLUMMER et al., 2008). Desta forma, o objetivo deste trabalho é relatar e descrever a técnica de marsupialização após o reposicionamento da glândula lacrimal com técnica de Morgan, e formação de cisto lacrimal, além de ressaltar a importância das técnicas na rotina da oftalmologia veterinária.

2. Revisão de literatura

2.1. Etiologia e Fisiopatogenia

A terceira pálpebra, ou membrana nictitante, é uma estrutura móvel com função de proteção mecânica do olho, é formada por conjuntiva palpebral e bulbar, tecido linfóide e glandular e cartilagem hialina em formato de “T”, com origem ventromedial anterior da órbita (MOORE & CONSTATINESCU, 1997; PEIXOTO & GALERA, 2012). Além da proteção mecânica, a membrana é responsável por auxiliar na remoção de material particulado da superfície ocular, espalhar a lágrima por toda superfície e, também, em cães, a glândula presente na 3ª pálpebra é responsável pela produção de um terço a metade da parte aquosa da lágrima (MOORE & CONSTATINESCU, 1997).

O prolapso da glândula de terceira pálpebra é também conhecido como “cherry eye” ou olho de cereja, e sua patogenia não está bem determinada, havendo diferentes explicações para tal condição, como Hamor (2007) sugere haver uma fraqueza do tecido conjuntivo que liga a glândula em sua posição anatômica normal.

Ward (1999) sugere ser uma condição congênita ou hereditária e sua patogenia relacionada a traumas que geram fragilidade nos ligamentos da glândula ao tecido periorbital. Hedlund (2008), descreve uma associação da afecção à adenite primária ou secundária, anormalidades de adesão facial ou patógenos específicos que comprometem a glândula.

Além disso, há predisposição racial sendo as raças braquicefálicas, Cocker Spaniels americano e inglês, Beagles e Bulldog inglês as mais acometidas. Concomitante a predisposição racial, é comum o acometimento em animais jovens com menos de 2 anos de idade (PLUMMER et al., 2008).

Em um exame oftálmico completo, torna-se necessário uma avaliação da terceira pálpebra e, nesse caso, inspeciona-se a posição anatômica normal, integridade dos tecidos e superfícies, grau de pigmentação e se há presença de inflamação folicular, nódulos e neoplasias. Dentre as afecções que podem gerar um desconforto ou enfermidade que gera a aparição da membrana, as mais comuns são eversões da cartilagem e o prolapso da glândula presente no tecido (MOORE & CONSTATINESCU, 1997; PEIXOTO & GALERA, 2012). Ambas afecções acometem, mais comumente, cães jovens, apesar de já ser descrita também em gatos (BASTOS et al., 2020).

2.2. Sinais Clínicos

Os sinais clínicos do cherry eye incluem epífora, conjuntivite, hiperplasia glandular no canto medial do olho, proeminência da 3ª pálpebra e irritação local além de secreção purulenta (WARD, 1999). A exposição pode ser unilateral ou bilateral (HADLUND, 2008).

A condição de “cherry eye” apesar de muito comum, não gera grandes problemas para o animal, entretanto, em alguns casos, pode gerar perfuração ocular devido ao atrito com a córnea e ressecamento ocular, como KCS secundário, desde que não haja complicações dessa exposição. O fato da glândula permanecer exposta por muito tempo pode desencadear um quadro de inflamação crônica do tecido conjuntivo e da glândula, o que dificulta a reposição cirúrgica. Além disso, pode ocasionar um quadro de olho seco devido ao mal funcionamento da glândula, o que predispõe a outras afecções que podem ser mais graves, como úlceras e até mesmo

uma perfuração ocular por um quadro crônico de KCS e contato da glândula exposta com a córnea ressecada (LORESENT et. al, 2016; PEIXOTO & GALERA, 2012).

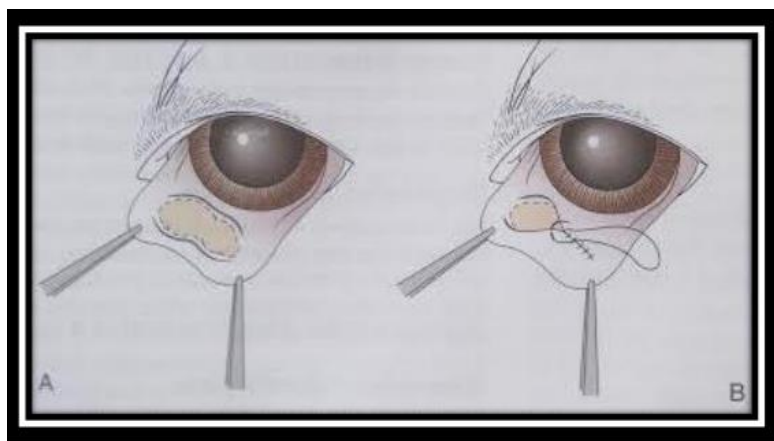
2.3. Tratamento

O tratamento para esta afecção é cirúrgico. Antigamente era comum a excisão total ou parcial da glândula, entretanto, a partir das complicações advindas dessa remoção é de comum acordo que a correção é o reposicionamento cirúrgico (PEIXOTO & GALERA, 2009). As técnicas para reposicionamento mais comuns são as de ancoragem e as de criação de bolsa conjuntival na terceira pálpebra. Dentre as técnicas de ancoragem, existem técnicas descritas com ancoragem na episclera inferior, esclera inferior e músculo oblíquo ventral (PLUMMER et al., 2008). Entretanto, essa ancoragem pode obstruir os canais de excreção da glândula, por isso, há posteriores descrições de ancoragem no periósteo da borda orbital ventral, com uma ancoragem mais anterior. Apesar de ser efetiva, a técnica de ancoragem causa uma limitação de movimento da membrana nictitante e sua função fica prejudicada (PLUMMER et al., 2008).

2.4 Técnicas cirúrgicas de reposicionamento de Morgan e Moore

2.4.1 Técnica de Morgan

Para a realização da técnica de Morgan, faz-se dois pontos de reparo nas extremidades da terceira pálpebra com o intuito de expor a glândula prolapsada, em seguida, é realizada uma incisão em elipse na base da glândula sob a conjuntiva bulbar. Em continuidade, faz-se uma transfixação com fio absorvível de sutura pela face externa da terceira pálpebra até a face interna aproximando, assim, as bordas da incisão com uma sutura simples e retorna com sutura em padrão Cushing (LORENSET, 2016).

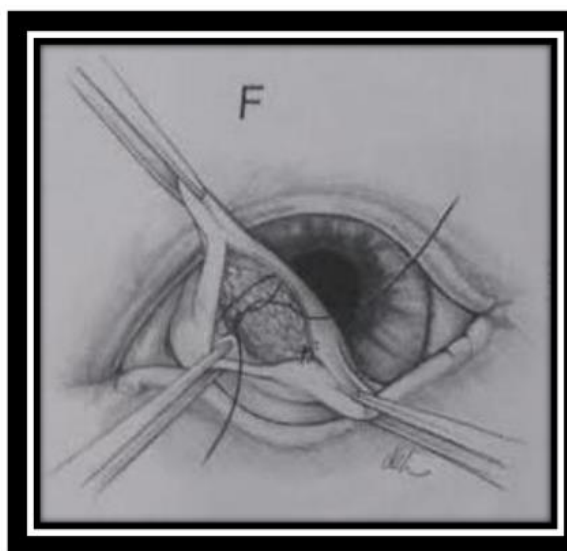


Fonte: Caplan (2015).

Figura 11. Técnica de Morgan

2.4.2 Técnica de Moore

A técnica de Moore consiste em expor totalmente a glândula da terceira pálpebra e retirar uma secção em forma de elipse da conjuntiva, com duas incisões de 3 mm acima e abaixo ao redor da glândula. Posteriormente, são realizadas 3 suturas de Lembert na porção remanescente da subconjuntiva, a qual foi parcialmente separada, com fio de sutura absorvível. Dessa forma, a glândula é pressionada e se mantém na posição anatômica normal (SANTOS et al., 2012).



Fonte: Ward (2003).

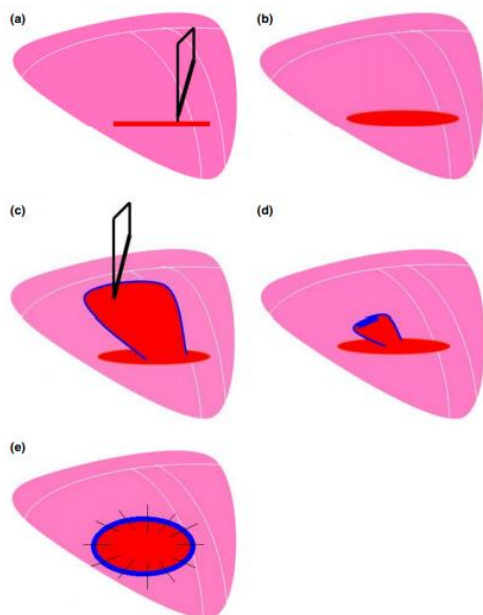
Figura 12. Técnica de Moore.

2.5 Cisto Lacrimal

A técnica de reposicionamento de criação da bolsa na conjuntiva tem o objetivo de sepultar a glândula sem danificar seus ductos ou obstruí-los. Há descrição de sepultamento anterior e posterior, entretanto a posterior descrita por Moore e Morgan são as mais utilizadas por não alterar a produção lacrimal e não interrompem a morfologia dos ductos excretores da glândula (PLUMMER et al., 2008). Entretanto, em casos que as incisões elípticas, que formam as paredes da bolsa, conectarem-se, a lágrima não consegue sair da cavidade criada e forma-se um cisto lacrimal.

A formação de cisto lacrimal após cirurgia de reposicionamento da glândula de terceira pálpebra é uma complicação associada à técnica de Morgan, que consiste em criar uma bolsa conjuntival para reposicionar a glândula protusa (BARBÉ et al., 2016). Desta forma, a glândula pode ficar encarcerada no tecido conjuntivo e a lágrima produzida por ela começa acumular na membrana e forma-se uma massa volumosa que recebe o nome de cisto lacrimal. A correção para essa complicação é cirúrgica com o intuito de liberar a lágrima presa e criar um canal de escoamento da lágrima que continua a ser produzida. Uma das técnicas de correção dessa complicação é a marsupialização (BARBÉ et al., 2016)

A marsupialização consiste em criar um canal no tecido conjuntivo, da parede cística com o meio externo. A técnica consiste, em realizar uma incisão linear horizontal sobre a massa cística na superfície palpebral ventral da membrana nictitante. Em seguida, realiza-se a dissecação da conjuntiva, com auxílio de uma tesoura de tenotomia arredondada de Stevens, lateralmente ao “eixo” da cartilagem hialina até ter acesso a parede do cisto realizando, então, uma incisão linear total da parede. A partir disso, é feita uma lavagem do local cirúrgico com solução de ringer lactato estéril para realizar a posterior marsupialização. Esta é criada com sutura da parede cística à conjuntiva adjacente em um padrão de sutura simples interrompida. (BARBÉ et al., 2016).



FONTE: Barbé et al (2016)

Figura 13. Técnica de marsupialização de Goulle: (a) incisão linear e ventral na superfície palpebral da membrana nictitante. (b) divulsão romba da conjuntiva em direção lateral ao eixo da cartilagem hialina. (c) incisão linear total da parede do cisto. (d) ampliação da incisão com tesoura. (e) Marsupialização criada a partir da sutura, de padrão simples interrompida, da parede do cisto a conjuntiva adjacente da membrana nictitante.

3. Relato de caso

O caso a ser relatado ocorreu na clínica veterinária IPOV, na cidade de Curitiba/PR, e foi conduzido pela médica veterinária, especializada em Oftalmologia, Manuella de Oliveira Borges Sampaio.

Uma Bulldog Inglês fêmea, de 2 anos e 8 meses, pesando 23 kg, compareceu a consulta na clínica veterinária IPOV, no dia 22 de outubro de 2022, apresentando um aumento de volume na terceira pálpebra e na região de canto medial do olho esquerdo alegando já ter passado por cirurgia de reposicionamento bilateral de glândula há 3 semanas em outra clínica.

Durante a anamnese o tutor relatou que o animal não passou por tratamento pré operatório com anti-inflamatório, foi utilizado apenas Ciprovect® (Ciprofluoxacina e Sulfato de Condroitina) e Tobrex® (Tobramicina), pois estava em tratamento para úlcera, não foi relatado a frequência do uso. Em continuidade, o exame oftálmico, o olho direito apresentou-se calmo, teste de fluoresceína negativo, fundoscopia, com lente 20D e reflexos pupilares normais, e reflexos visuais normais, terceira pálpebra

discretamente edemaciada e hiperêmica, discreto ectrópio de pálpebra inferior, TLS não mensurado, pois a cirurgia de reposição havia sido feita recentemente e PIO 19 mmHg, com tonômetro de aplanção (Tono-pen®). O olho esquerdo apresentava discreta hiperemia conjuntival, edema de córnea central, teste de fluoresceína negativo, edema moderado de terceira pálpebra, hipertrofia da glândula da terceira pálpebra aparente, porém sem comprometimento da sutura, fundoscopia sem alterações, reflexos visuais normais e discreto ectrópio da pálpebra inferior, TLS não mensurado, pois a cirurgia de reposição havia sido realizada recentemente e o resultado não seria fidedigno e PIO 18 mmHg, todos exames realizados com os mesmos equipamentos. Ademais, constatou-se que se tratava de um quadro inflamatório pós operatório de reposicionamento da glândula e possível processo de reabsorção do fio de sutura, foi receitado Cetrolac® (trometamol cetrolaco) a cada 8 horas e Maxiflox® (3,5 mg de cloridrato de ciprofloxacino e 1 mg de dexametasona) a cada 8 horas, até o retorno que foi previsto em 7 dias.



Figura 14. Paciente Oliva em sua primeira consulta com a terceira pálpebra exposta hiperêmica 3 semanas após cirurgia de reposição de glândula.

Após 4 dias da primeira avaliação, no dia 26 de outubro de 2022, tutor relatou, via telefone por não conseguir comparecer na consulta, piora no quadro de edema de córnea e aumento no edema de terceira pálpebra do olho esquerdo. Dessa forma, foi acrescentado a utilização do colírio Hipertonic manipulado 3 vezes ao dia, mantendo

a utilização do Cetrolac® (trometamol cetrolaco) e Maxiflox® (3,5 mg de cloridrato de ciprofloxacino e 1 mg de dexametasona) 2 vezes ao dia. Retorno previsto em 7 dias.

No dia 11 de novembro de 2022, o tutor relatou em anamnese um aumento rápido de volume na terceira pálpebra do olho esquerdo, descrevendo o olho como rotacionado lateralmente devido a esse aumento. Estava sendo administrado Maxiflox® (3,5 mg de cloridrato de ciprofloxacino e 1 mg de dexametasona) 1 vez ao dia desde o último retorno, além disso, iniciou um tratamento por conta própria com Synulox® (amoxicilina tri-hidratada e clavulanato de potássio) 2 vezes ao dia por 7 dias e Prednisolona® 2 vezes ao dia por 5 dias, por via oral. Com o tratamento tutor relatou melhora, mas quando a medicação acabou, o volume voltou a aumentar rapidamente.

No exame oftálmico, o olho direito estava calmo e sem alterações de fundoscopia e reflexos visuais preservados, TLS não mensurado e PIO 18 mmHg, o olho esquerdo apresentava edema importante da terceira pálpebra, rotacionando o olho lateralmente, secreção mucolipídica discreta, bulbo ocular sem alterações, TLS não mensurado e PIO 18 mmHg. A partir do exame oftálmico e histórico o diagnóstico foi de possível cisto lacrimal pós-cirúrgico. Dessa forma, orientou-se o tutor a realização da drenagem do cisto e marsupialização da glândula da terceira pálpebra.

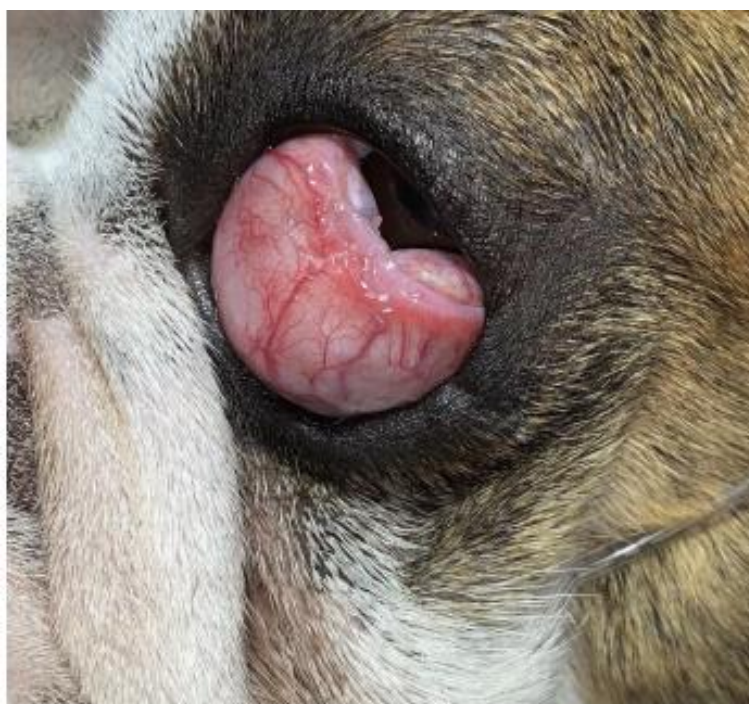


Figura 15. Terceira pálpebra do olho esquerdo com cisto lacrimal e hiperemia.

A cirurgia escolhida para correção do cisto foi a de marsupialização seguindo a orientação o diagrama presente no estudo de Barbé et al. (2016), que consiste em realizar uma incisão linear e ventral na superfície palpebral da membrana nictitante, divulsionar a conjuntiva em direção lateral ao eixo da cartilagem hialina até chegar à parede cística, fazer uma segunda incisão linear total da parede do cisto e ampliar a incisão com tesoura. Realizar a marsupialização criando, a partir da sutura, de padrão simples interrompida, da parede do cisto a conjuntiva adjacente da membrana nictitante.

Para realização da etapa pré operatória foram solicitados exames de sangue (hemograma, ALT, CREAT) que não obtiveram alterações. Para realização da cirurgia utilizou-se metadona 0,2 mg/kg + acepromazina 0,03 mg/kg, por via intramuscular, como medicamento pré anestésico, induziu-se com propofol 2 mg+ cetamina 2 mg e manutenção com anestesia inalatória com isofluorano + infusão contínua de cri FILC (Cetamina 0,5 mg/kg + Fentanil 0,4 ug/kg + Lidocaina 0,1 ml/kg), além de analgesia com Meloxicam 0,1 mg/kg, por via intravenosa. O animal foi posicionado em decúbito lateral direito, foi realizado tricotomia periocular do olho esquerdo e higienizado com 5 ml de iodo povidine 10% diluído em 250 ml de soro fisiológico.

Durante a cirurgia, inicialmente, realizou-se drenagem de 3 ml de conteúdo lacrimal com presença de celularidade, com seringa descartável de 3 ml e agulha 23G (**figura 16**). O material foi mandado para análise citológica laboratorial. Após a drenagem, foram realizadas incisão linear na face palpebral da conjuntiva da terceira pálpebra (**figura 17**) e marsupialização por meio de sutura simples contínua com fio PGC25 (poliglecaprone) monofilamentar 5-0 (**figura 19**). Para pós operatório foi orientado a prescrição de Maxitrol® (dexametasona, sulfato de neomicina e sulfato de polimixina B) colírio, instilando 1 gota no olho esquerdo a cada 6 horas até novas recomendações, com retorno após 10 dias.



Figura 16. Drenagem do cisto lacrimal do olho esquerdo de Bulldog Inglês fêmea, conteúdo com celularidade.

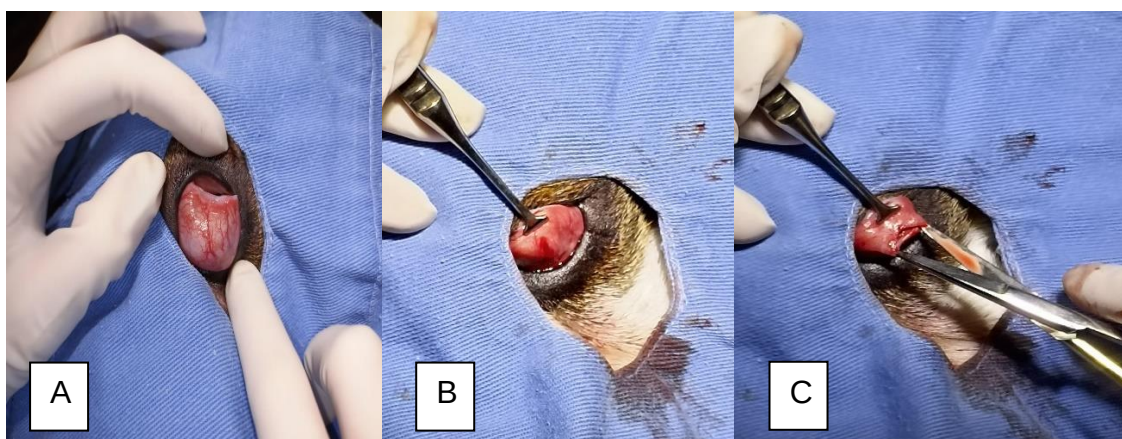


Figura 17. A) Exposição da terceira pálpebra de olho esquerdo com a presença do cisto lacrimal. B) Incisão linear na face conjuntival da terceira pálpebra de olho esquerdo. C) Divulsão com tesoura do tecido conjuntival da terceira pálpebra.

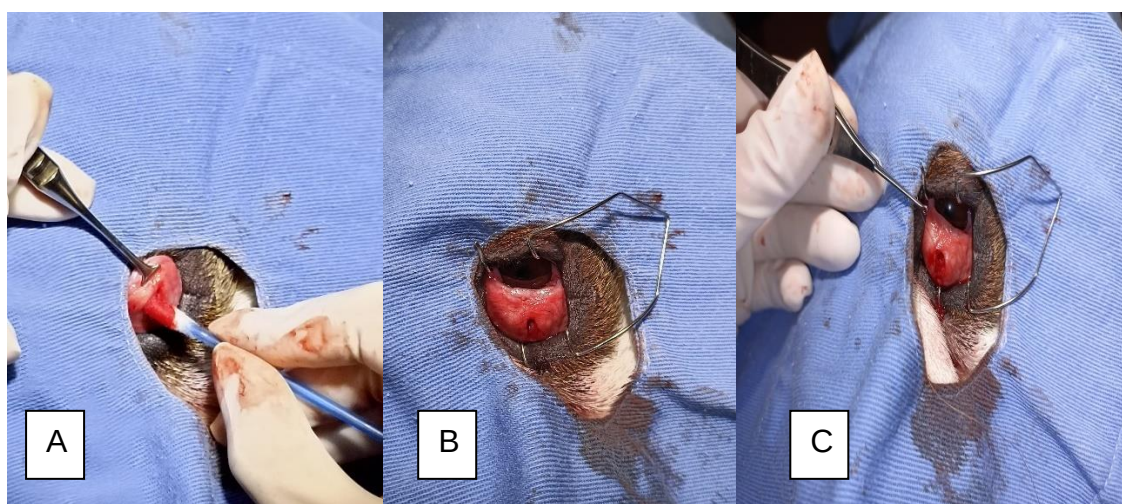


Figura 18. A) Limpeza da região incisada com cotonete e pressão para hemostasia. B) e C) Aparência da região do cisto lacrimal após divulsão e limpeza.

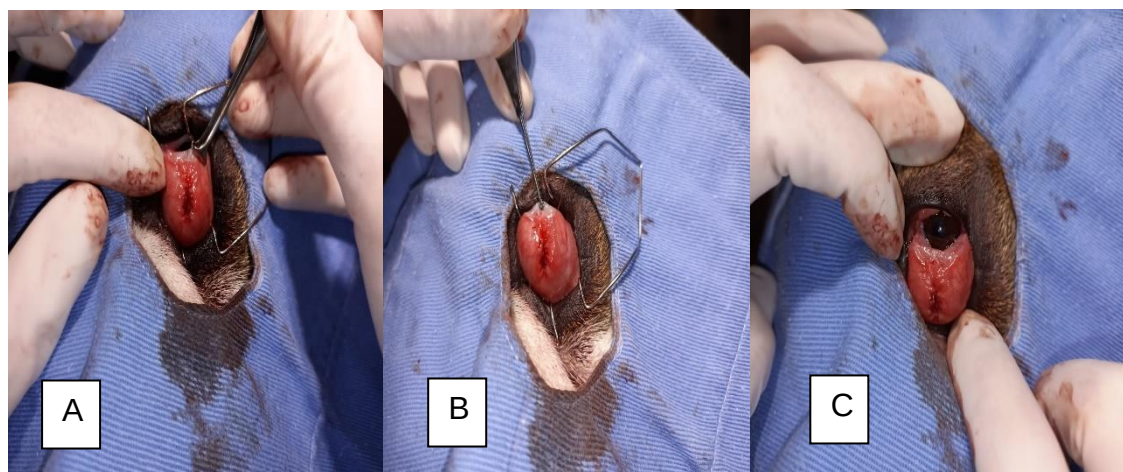


Figura 19. A) Técnica de marsupialização com sutura simples separada da parede cística com a conjuntiva palpebral da terceira pálpebra. B) e C) Aparência da terceira pálpebra após marsupialização.

O exame citológico ficou pronto na mesma semana da cirurgia e evidenciou presença de moderada celularidade sendo predominante neutrófilos degenerados dispostos isoladamente e com frequência de linfócitos e plasmócitos, foi possível observar debris celulares e material amorfo basofílico, sugerindo reação inflamatória supurativa. A cultura bacteriana e antibiograma tiveram resultados negativos, negando presença de microrganismos.

Durante o primeiro retorno, realizado dia 25 de novembro de 2022, tutor relatou, durante anamnese, importante redução do edema e hiperemia da terceira pálpebra, negou desconforto ocular, porém notou uma presença abundante de secreção. Realizou-se, então, novamente o exame oftálmico, o olho direito não apresentou sinais de inflamação, sem alterações visíveis, com apenas o discreto ectrópio, TLS 25 mm/min e PIO 16 mmHg.

O olho esquerdo não apresentou sinais de inflamação, reflexos visuais preservados, edema e hiperemia da terceira pálpebra reduzidos, secreção mucolipídica moderada, região de marsupialização aberta parcialmente, TLS 14 mm/min, teste de fluoresceína negativo, PIO 18 mmHg. A partir dos exames oftálmicos constatou-se um quadro de KCS inicial, no olho esquerdo, devido a exposição crônica da glândula antes de seu reposicionamento.

Dessa forma, optou-se por um tratamento tópico com ciclosporina 0,5% colírio manipulado a cada 12 horas, até novas recomendações, Maxitrol® (dexametasona, sulfato de neomicina e sulfato de polimixina B) a cada 8 horas, por 7 dias, após esse período reduzir para a cada 12 horas por mais 14 dias e após esse período trocar o Maxitrol por Cetrolac a cada 12 horas até novas recomendações, orientou-se o retorno em 21 dias.

O segundo retorno foi realizado dia 22 de dezembro de 2022, tutor relatou melhora no volume da terceira pálpebra e redução importante da secreção. No exame oftálmico, não foi observado nenhuma alteração em relação a última consulta no olho direito, TLS e PIO não foram mensuradas. O olho esquerdo manteve-se estável, ausência de secreção, volume moderado da segunda pálpebra, a marsupialização fechou por segunda intenção, contudo não houve suspeita de formação de novo cisto lacrimal, TLS 23 mm/min, PIO 16 mmHg. Foi indicado uma reintervenção cirúrgica para novo reposicionamento da glândula da terceira pálpebra do olho esquerdo e correção de ectrópio bilateral, cirurgia marcada para o dia 6 de janeiro de 2023. Até o momento da cirurgia ficou indicado a administração associada de Maxitrol® (dexametasona, sulfato de neomicina e sulfato de polimixina B) e Cetrolac® (trometamol cetrolaco), ambos a cada 8 horas, até novas recomendações, mantendo a Ciclosporina 0,5% a cada 12 horas.

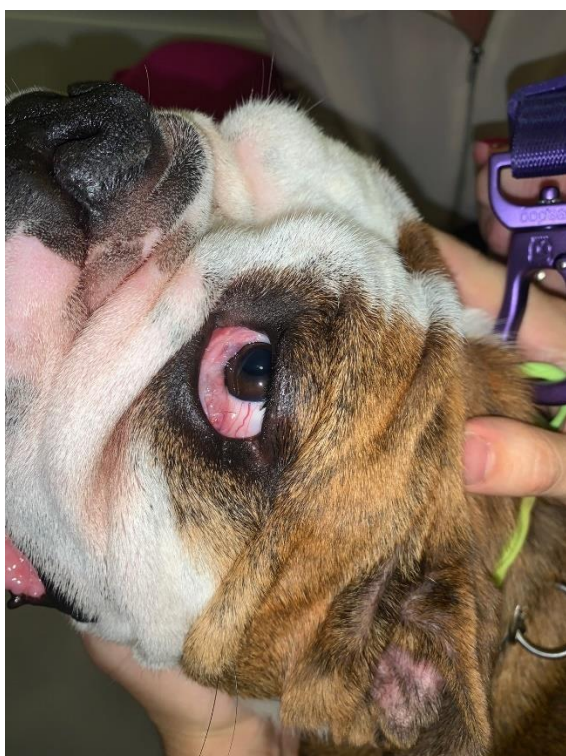


Figura 20. Foto da paciente 41 dias após cirurgia de marsupialização, com a incisão já fechada por segunda intenção.

4. Discussão

A formação de cisto lacrimal é rara em humanos e animais, e pode ocorrer em qualquer porção com presença de tecido glandular produtor de lágrima (MOORE, 1999). No Brasil, o estudo de Peixoto e Galera (2012) relatou 67 casos de prolapso de glândula e nenhum ocorreu a formação cística. Na França, em 2012, a equipe de Mazzuchelli realizou um estudo com 155 casos com a mesma afecção de glândula protuída, e apenas 3 apresentaram cisto lacrimal.

Hendrix et al. (2013) atribui essa condição a iatrogenia, como consequência da técnica de bolsa conjuntival de reposicionamento da glândula. Entretanto, também há o fator racial e sua predisposição, estudos de Barbé et al. (2016) e de Mazzuchelli et al. (2012), citam a raça Bulldog, tanto inglês quando francês com a afecção relatada neste estudo, assim com a paciente em questão. Esta raça possui a predisposição também pela sua conformação anatômica braquicefálica, tendo órbita rasa, euribléfaro e ectrópio. Sendo comum haver obstrução por inflamação local ou dissecação dos ductos lacrimais da glândula durante o procedimento (LAMAGNA et al. 2012).

Os sinais encontrados na paciente foram hiperemia e aumento de volume importante na terceira pálpebra no canto medial do olho esquerdo. Sinais semelhantes aos do relato de caso de Lima et al. (2020) e Barbé et al (2016), com formação do cisto lacrimal após reposicionamento da glândula, pela técnica da bolsa conjuntival, realizada também na paciente do presente estudo.

O diagnóstico diferencial sugerido neste caso foi de cisto epitelial, epidermóide ou parasitário, abscesso, reação inflamatória ao fio de sutura e neoplasia. Neoplasias também podem acometer a terceira pálpebra de cães e causar um aumento de volume e massa na região, entretanto é uma condição rara em cães, sendo o carcinoma de células escamosas o mais comum, porém dificilmente acomete cães jovens (REDAELLI, et al. 2007).

Para exclusão das outras suspeitas, fez-se necessário intervenção cirúrgica e coleta do material acumulado para análise, cultura e antibiograma e exame histopatológico (BARBÉ et al, 2016). Neste caso, o resultado da cultura e antibiograma foram negativos, sem presença de microrganismo. E, durante a cirurgia foi possível

observar que o fio de sutura já estava em processo de reabsorção sem presença de inflamação no local, sendo a rejeição ao fio descartada. Com o resultado citológico do conteúdo coletado foi possível confirmar a formação do cisto lacrimal.

As lesões na glândula da terceira pálpebra, podem ser graves e importantes, pois esta glândula, em cães, é responsável pela produção de, aproximadamente, 40% da produção lacrimal total (GELLAT e BROOKS, 2011). Dessa forma, quando há excisão total ou parcial, ou lesão nessa estrutura, o animal pode desenvolver um quadro de ceratoconjuntivite seca e danificar a qualidade lacrimal (HENDRIX et al, 2013). Assim, como já citado por Hendrix et al. (2013), a paciente em questão desenvolveu o quadro de KCS no olho com a formação cística e agora é adepta ao tratamento com Ciclosporina 0,5% colírio manipulado e será necessário acompanhamento para futuras avaliações desse quadro de olho seco.

Por fim, a técnica de marsupialização é a técnica de correção definitiva para a formação do cisto lacrimal, pois há a drenagem com agulha e seringa disponível, entretanto as recidivas serão constantes (Barbé et al, 2016). A marsupialização consiste em criar um canal de comunicação do cisto com o exterior, drenando assim a lágrima que é constantemente produzida. E, além disso, esta técnica foi descrita nos casos de 3 cães por Barbé et al. (2016), por Lima et al. (2020), pela primeira vez relatada no Brasil, e que obtiveram ótimos resultados. Dessa forma, após avaliação da presente paciente, 41 dias após a cirurgia, é notável a redução do volume da terceira pálpebra, redução da secreção e estética reestabelecida.

5. Conclusão

A utilização da técnica de marsupialização para tratamento, no caso de formação cística pós-cirúrgica de reposicionamento de glândula da terceira pálpebra, permitiu a permanência da glândula, apesar de ser necessária reintervenção posterior, e impediu nova formação cística sendo eficaz como tratamento.

6. Referências

BARBÉ, C.; RAYMOND-LETRON, I.; MIAS, G.P.; CHARRON, J. GOULLE, F. Marsupialization of a cyst of the nictitating membrane in three dogs. **Veterinary Ophthalmology**, v. 20, n. 2, p. 181-188, 2016.

BASTOS, I. P. B.; FALEIRO, R. D.; ALMEIDA, G. P. S.; CHAVES, J. K. O.; CAMPOS, D. R. Prolapse of the third eyelid gland in a mixed breed cat: case report. **Brazilian Journal of Veterinary Medicine**, v. 42, 2020.

CAPLAN E. R et al, Cirurgia do olho, In: FOSSUM T. W., **Cirurgia de pequenos animais**, 4. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 315-318, 2015.

GELATT KN, BROOKS DE. Surgical procedures for the conjunctiva and the nictitating membrane. In: **Veterinary Ophthalmic Surgery**. (eds Gelatt K, Gelatt J) Saunders Elsevier, Gainesville; 178–184. 2011.

HAMOR, R.E. Terceira pálpebra. In: SLATTER, D. **Manual de cirurgia de pequenos animais**. São Paulo, v. 3, n. 90, p. 1361-1368. 2007.

HEDLUND, C.S. Cirurgia do Olho. In: FOSSUM, T.W. **Cirurgia de pequenos animais**. Rio de Janeiro: Elsevier, n. 16, p. 260 – 288, 2008.

HENDRIX D. Diseases and surgery of the canine conjunctiva and nictitating membrane. In: **Veterinary Ophthalmology**, 5th edn. (eds Gelatt K, Gilger B, Kern T) Wiley and sons, Ames; 961– 965. 2013.

LAMAGNA, B.; PERUCCIO, C.; GUARDASCIONE, A. et al. Conjunctival dacryops in two golden retrievers. **Veterinary. Ophthalmology**, v.15, p.194-199, 2012.

LIMA, T. B., MARTINS, T. B., GOMES JUNIOR, D. C., SILVA, R. A., & SOUSA, D. M. F Marsupialization for the treatment of nictitating membrane cyst in a dog: case report. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, 72, 749-753 .. (2020).

LORENSET, J.A.; SCHERER, M.E.; SERAFINI, G.M.C. Protrusão da glândula da terceira pálpebra em cão-relato de caso. **Salão do Conhecimento**, 2016.

MAZZUCHELLI S, VAILLANT MD, WEVERBERG F ET AL. Retrospective study of 155 cases of prolapse of the nictitating membrane gland in dogs. **Veterinary Record**; 170: 443–443. 2012.

MOORE, C.P. Diseases and surgery of the lacrimal secretory system. In: GELLAT, K.N. (Ed). **Veterinary ophthalmology**. 3.ed. Baltimore: Wiley-Blackwell, p.569-607. 1999.

MOORE, C.P.; CONSTATINESCU, G.M. Surgery of the adnexa surgical management of ocular disease. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.27, p.1011-1066, 1997.

PEIXOTO, R.V.; GALERA, P.D. Avaliação de 67 casos de protrusão da glândula da terceira pálpebra em cães (2005-2010). **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 64, p. 1151-1155, 2012.

PLUMMER, C.E.; KÄLLBERG, M.E.; GELATT, K.N.; GELATT, J.P.; BARRIE, K.P.; BROOKS, D.E. Intranictitans tacking for replacement of prolapsed gland of the third eyelid in dogs. **Veterinary Ophthalmology**., v. 11, p. 228-233, **2008**

REDAELLI, R., ALBUQUERQUE, L., FAGANELLO, C. S., RODARTE, A. C., MARQUES, J. M. V., OLIVEIRA, L. O. D., PIGATTO, J. A. T.et al. Carcinoma das células escamosas de terceira pálpebra em um cão. **Acta scientiae veterinariae. Porto Alegre**, 2007.

SANTOS, I. F. C., CARDOSO, J. M. M., DEL POENTE, M. D., DA SILVA, L. F., & DE CASTRO, N. C. N. Prolapso da glândula da terceira pálpebra em cão – relato de caso, **Acta Veterinaria Brasilica**, vol. 6, núm. 4, p.329- 334, 2012.

WARD, D. A.; HENDRIX, DVH. Doenças e cirurgias dos sistemas lacrimal e nasolacrimal no cão. **GELATT, KN Manual de Oftalmologia Veterinária**, v. 3, p. 76-87, 2003.

WARD, D.A. Diseases and surgery of the canine nictitating membrane. In: Gelatt, K.N. (ed.) **Veterinary Ophthalmology**. 3ª ed. Philadelphia: Williams and Wilkins, p. 132-165, 1999.